

Fotografia na Serra dos Tapes: a trajetória profissional e pessoal de Heinrich Feddern

Photography in Serra dos Tapes: the professional and personal trajectory of Heinrich Feddern

Fotografía en la Serra dos Tapes: la trayectoria profesional y personal de Heinrich Feddern

¹Cristiano Gehrke

¹ cristianogehrke@gmail.com, Universidade Federal de Pelotas.

Resumo

Localizada na região sul do Rio Grande do Sul, a Serra dos Tapes é uma região na qual se instalaram, durante o século XIX e XX grupos de imigrantes, majoritariamente de origem germânica. Dentre estes, se destacou a figura de Heinrich Feddern, profissional ligado à produção de fotografias, que foi perseguido e preso acusado de colaboração com o regime nazista durante o Estado Novo. Desta forma, o presente ensaio tem como objetivo tratar da trajetória pessoal e profissional deste fotógrafo e as implicações de sua prisão sobre a produção de registros fotográficos, bem como a importância deste profissional no cenário fotográfico local.

Palavras-Chave: Estado Novo, Fotografia, Imigração, Nazismo, Serra dos Tapes.

Abstract

Located in the southern region of Rio Grande do Sul, Serra dos Tapes is a region where they settled during the nineteenth and twentieth immigrant groups, mostly of German origin. Among them, stood out the figure of Heinrich Feddern, professional linked to the production of photographs, which was persecuted and imprisoned accused of collaboration with the Nazi regime during the Estado Novo. Thus, this paper aims to address the personal and professional trajectory of this photographer and the implications of his arrest on the production of photographic records, as well as the importance of this professional in the local photo scene.

Keywords: New State, Photography, Immigration, Nazism, Serra dos Tapes.

Resumen

Situado en la zona sur de Río Grande do Sul, la Serra dos Tapes es una región donde se establecieron durante los siglos XIX y XX grupos de inmigrantes, en su mayoría de origen alemán. Entre ellos, se destacó la figura de Heinrich Feddern, profesional vinculado a la producción de fotografías, que fue perseguido y encarcelado acusado de colaboración con el régimen nazi durante el Estado Novo. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo abordar la trayectoria personal y profesional de este fotógrafo y las implicaciones de su detención en la producción de registros fotográficos, así como la importancia de este profesional en el escenario local.

Palabras clave: Estado Nuevo, Fotografía, Inmigración, el nazismo, Serra dos Tapes.

1. Introdução

Este ensaio se propõe a descortinar um importante capítulo da história da fotografia da região conhecida como Serra dos Tapes, que esteve sob o véu do esquecimento até o presente momento. Nosso principal objetivo, é dar luz à trajetória pessoal e profissional de um dos mais importantes fotógrafos que atuou na primeira metade do século XX naquela localidade.

Julius Ernst Heinrich Feddern nasceu no ano de 1883 na cidade alemã de Hamburgo, e veio para o Brasil juntamente com sua família no ano de 1923. Instalou-se definitivamente na zona rural do município de São Lourenço do Sul/RS, onde então passou a exercer a atividade de fotógrafo itinerante, ramo no qual atuou por mais de três décadas.

Os registros fotográficos de Heinrich Feddern impressionam tanto pelo apuro artístico como pela qualidade técnica com que eram produzidos. São raros os lares na zona rural desta região onde não encontramos pelo menos um registro de sua autoria. Perseguido pelo Estado Novo, esteve preso por cerca de seis meses, sob acusação de divulgação de ideais nazistas, além de ter confiscadas fotografias, documentos e materiais laborais.

A importância do estudo biográfico de um profissional ligado à produção de registros fotográficos é justificada pelo fato de este ser considerado o que Kossoy (2009) chama de “filtro cultural”, ou seja, é ele o responsável por fixar a imagem de uma coletividade, fazendo sugestões, cortes, retoques, não se limitando, desta forma, o estudo a apenas um único indivíduo, mas sim à compreensão de todo o grupo onde este atuava.

Foi fundamental dentro dos propósitos deste texto fazer-se uma revisão bibliográfica sobre temas com os quais trabalhamos de forma direta ou indireta. A pesquisa com fontes fotográficas, incluindo os estudos de suas potencialidades e limitações, foi orientada basicamente pelos estudos de Mauad (2014) e Kossoy (2009). A coleta de depoimentos orais foi efetuada através de orientações obtidas no trabalho de Meihy (2011), já a interpretação destes relatos teve como base os estudos de Portelli (1997) e Alberti (2000).

Foi necessário ainda revisitar obras que tratam do tema da nacionalização ocorrida no Brasil durante o governo de Getúlio Vargas. Para tanto, fizemos uso dos trabalhos de Gertz (1998) e Giron (1994).

Fazendo uso dos indícios (GINZBURG, 2012) revelados durante as narrativas orais, recorreremos à consulta de uma vasta gama de fontes, nos mais diversos suportes e dispersas em arquivos públicos e particulares. Dentre a documentação consultada, podemos citar o processo de inventário de Heinrich Feddern preservado no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, os registros profissionais preservados na Secretaria Municipal da Fazenda de São

Lourenço do Sul, bem como os registros de transferências de propriedade do Cartório de Registro de Imóveis de São Lourenço do Sul. De substancial importância foram também os registros de ocorrências policiais, bem como os ofícios e telegramas produzidos pela Delegacia de Polícia Civil de São Lourenço do Sul, encaminhados para o Departamento de Ordem e Política Social (DOPS) de Porto Alegre.

O diálogo entre diferentes tipos de fontes, com diferentes suportes permitiu que fosse possível delinear um panorama completo, e que atendeu de maneira satisfatória os nossos anseios, elucidando as questões que nortearam a realização desta investigação.

2. A trajetória pessoal de Heinrich Feddern

Heinrich Feddern nasceu em 12/05/1883 e faleceu em 18/01/1952. Casou-se com Frieda Franz nascida em 20/09/1896 e falecida em 18/02/1957. Após a união, o casal teve três filhos: Elfriede (1923), Julius (07/06/1925) e Edgar (29/05/1927), todos nascidos no Brasil.

Heinrich era filho de Johann Frederich Feddern (1834) e de Juliana Zimmermann (1843-1890). Ele teria tido três irmãs Erna Bertha, Hilda e Frieda. Sua família era oriunda da cidade alemã de Hamburgo.

De acordo com relatos, as filhas da família Feddern, saíram da residência dos pais em Hamburgo no início do século XX, e Heinrich logo teria seguido os passos das irmãs. Na década de 1920, o jovem Heinrich Feddern, recém formado em Engenharia Química (não foi possível identificar a instituição onde o mesmo concluiu os seus estudos), de posse de uma máquina fotográfica e cuja manipulação já dominava, resolveu mudar de país.

O fato de possuir duas irmãs estabelecidas em território estadunidense, fez com que Heinrich Feddern se dirigisse àquele país. Não temos informações sobre a data e motivações desta viagem. Conforme relatos dos seus netos, Feddern teria trabalhado lá um curto período de tempo, além disso, ele teria atuado como trabalhador a bordo de um navio, e teria se dirigido também à Turquia, e somente depois teria ocorrido a sua vinda ao Brasil.

Nas palavras do seu neto, o senhor Milton Feddern, Heinrich “veio ao Brasil para fazer dinheiro”. Assim, entendemos que as motivações de sua migração teriam sido única e exclusivamente econômicas.

Conforme já exposto, o mesmo teria empreendido uma viagem aos Estados Unidos e à Turquia e somente depois teria vindo o Brasil. Sabe-se, através de um documento preservado na Delegacia de Polícia Civil de São Lourenço, onde a família Feddern fez o registro familiar (Salvo-conduto) em 06/06/1939, que Heinrich teria vindo ao Brasil pela primeira vez em

10/10/1923, acompanhado da esposa e de uma filha (enteada), a bordo do navio Monte Sarmiento.

Ainda conforme o salvo-conduto anteriormente referido, Heinrich Feddern teria retornado à Alemanha com a família em 28/06/1930. Conforme relato de Wilma e Milton Feddern, o retorno teria sido por ocasião de problemas de saúde da mãe de Frieda, que ainda residia na cidade natal da esposa de Heinrich, Lübeck, distante cerca de 70km da cidade natal do fotógrafo.

A volta de Heinrich ao Brasil ocorreria oito meses após a partida, em 14/02/1931, conforme ficou registrado no salvo-conduto, porém o mesmo retornou sem a companhia da esposa e dos filhos, os quais vieram novamente ao Brasil, somente em 23/05/1933 desembarcando no porto da cidade de Rio Grande, conforme salvo-conduto da esposa e da enteada, ambos documentos datados de 12/02/1942, preservados no Arquivo da Delegacia de Polícia de São Lourenço.

Através da mensagem existente no verso de um cartão postal, cedido pela senhora Vilma Feddern, percebemos que Heinrich chegou ao Brasil nesta data, aportando na cidade do Rio de Janeiro. O cartão postal, que traz a fotografia da praia de Copacabana e tem uma mensagem de Heinrich endereçada a sua esposa Frieda que permaneceu em Lübeck. A mensagem data de 25/03/1931.

Uma vez no Brasil pela segunda vez, Heinrich Feddern, nas palavras de seu neto Milton Feddern, irá buscar condições para que possa trazer a sua família e lhes proporcionar condições dignas de sobrevivência. Após a sua chegada, o mesmo irá se dirigir à localidade de Picada Moínhos, interior do município de São Lourenço do Sul.

Sobre as mudanças pelas quais a família Feddern teria passado, Milton nos traz informações interessantes:

Lá [na cidade de Estrela] inclusive ele esteve acompanhado da mulher (...) Depois ele esteve um tempo em Porto Alegre, sempre como fotógrafo. Então ele viu que cidade grande não era o forte dele, aí ele veio para São Lourenço do Sul (...) Lá foi a última morada dele, lá foi o quartel general dele. Tinha um laboratório exemplar.

Não foi possível encontrar muitas referências sobre o período imediato à instalação de Heinrich em São Lourenço do Sul, porém, conforme já mencionado anteriormente, de acordo com o relato do próprio Heinrich por ocasião de sua prisão, o mesmo teria voltado sem nenhum espólio ao Brasil, uma vez que ao partir, efetuou a venda de todos os bens e o dinheiro teria sido utilizado em território alemão.

Desta forma, pressupõe-se que o mesmo ficou alojado na residência de amigos, até que pudesse se estabelecer definitivamente, e uma vez em condições de receber a mulher e os quatro filhos, promoveu o retorno destes, cerca de três anos após a partida.

No Livro de Requerimentos e Despachos da Prefeitura Municipal de 1938, em 13/01/1938 há uma solicitação do senhor Carlos Zündler, junto a Prefeitura Municipal, afim de saber se existe algum debito da propriedade em seu nome, localizada na Picada Moinhos, pois o mesmo desejava se desfazer da mesma. O deferimento do pedido foi assinado em 21/02/1938, onde está assegurado que “nada consta”. A propriedade à qual se refere o requerimento, seria a mesma que foi adquirida pelo senhor Heinrich Feddern.

No Livro de Registro 3J do Tabelionato de Imóveis de São Lourenço do Sul, à folha 5, sob o número 4.619 de 06/07/1938, consta o registro de escritura pública referente a uma “fração de terras de campo sito no lugar denominado Picada Moinhos”, 2º distrito com 13 hectares mais ou menos de área superficial. A propriedade foi adquirida por meio de compra de Carlos Zündler e sua esposa Amália Agnes Zündler por meio de escritura pública de 15/03/1938 pelo valor de 4.000\$000.

3. Heinrich Feddern e a prática fotográfica

No relatório de Estrangeiros súditos do Eixo, preservado na Delegacia de São Lourenço do Sul, temos o nome de Heinrich, sua esposa e sua filha Tessma. Tal relatório, nos traz uma informação bastante interessante. De um total de 63 nomes arrolados, Heinrich é o que possui o quarto maior patrimônio: um espólio estimado em CR\$40.000,00. Ou seja, em menos de 10 anos Heinrich logrou acumular uma razoável quantia de bens, que iriam garantir boas condições à toda a família. Na fala de seu neto Milton, o seu avô “não era um homem de jogar dinheiro fora. Ele guardava o seu dinheirinho e deve ter feito muito dinheiro com fotografia na época dele. Tinha poucos fotógrafos. Não era pobre não”.

Em relação aos bens de Heinrich, encontraremos mais informações na sequência do presente estudo, quando faremos a análise do inventário efetuado por ocasião do falecimento do mesmo em 1952.

Uma vez adquirida a propriedade na Picada Moinhos, Heinrich procedeu algumas modificações estruturais na propriedade, para que a mesma pudesse abrigar de forma satisfatória a sua família e o seu laboratório para produção das fotografias.

Em um primeiro momento, havia uma sala que era usada pelo fotógrafo como estúdio para revelação das fotografias. Milton Feddern relembra que seu avô “tinha uma peça lá em casa. Eu me lembro que era um quarto escuro, onde ele tinha o revelador, o fixador, tinha o

aparelho onde ele fazia as cópias”. Após a estabilização financeira, Heinrich teria empreendido a construção de um edifício específico para ser utilizado como estúdio.

Heinrich Feddern com o passar dos anos e a apresentação de um trabalho de grande qualidade técnica e artística, aos poucos vai fazendo fama pela região como retratista de excelente qualidade. Conforme já mencionado, sua atuação não ficou restrita apenas a zona colonial de São Lourenço do Sul. Registros de sua autoria podem ser encontrados nos municípios de Pelotas, Camaquã, Canguçu, Arroio do Padre, Turuçu, entre outros.

Heinrich nunca se utilizou da imprensa escrita ou falada para divulgar o seu trabalho. A divulgação, diferentemente do que ocorria com outros fotógrafos, como por exemplo, Bruno Pruski, que ocorria através da veiculação de anúncios em jornais, era feita, conforme coloca o seu neto Milton, “de boca a boca”.

Heinrich pode ser considerado um verdadeiro representante da categoria de “fotógrafo itinerante”. O mesmo não possuía um estúdio fotográfico fixo. A quase totalidade dos registros analisados, que são de sua autoria são registros obtidos em cenas externas. Todos os seus registros foram feitos nas residências dos fotografados, em festas ou eventos.

Os materiais utilizados por Heinrich, conforme afirma o seu neto Milton, eram todos importados basicamente da Alemanha, em um primeiro momento. Após o início do segundo conflito armado mundial, em 1939, e a série de medidas restritivas impostas pelo governo brasileiro, a importação de produtos passou a ser proibida e a aquisição dos materiais utilizados pelo fotógrafo para a produção de seus registros passou a ocorrer diretamente em lojas especializadas, quase todas localizadas na capital do Estado, Porto Alegre.

Colódio, hipossulfito de sódio, éter sulfúrico, ácido pirogálico, ácido acético, materiais sensíveis para negativos eram alguns dos produtos adquiridos nestes estabelecimentos. O deslocamento até estas lojas era feito através de carroça ou a cavalo. A viagem até Porto Alegre durava alguns dias e mesmo durante a viagem para compra de materiais, ele aproveitava e ia retratando algumas famílias, fazendo alguns registros.

Em seus registros não notamos a presença de cenários sofisticados, não notamos a presença de murais pintados, cortinas com motivos clássicos ou móveis suntuosos. O fundo das fotografias de sua autoria são em geral improvisados: cortinas, toalhas de mesa fazendo o papel de uma cortina ou mesmo a fachada da residência dos retratados, são o papel de fundo das imagens que registram grupos familiares em seu ambiente natural, o que confere de certa forma, ares etnográficos à sua produção.

Em alguns casos, vemos a presença de vasos com flores posicionados próximos aos personagens, de forma a criar um ambiente mais alegre, mais harmônico.

De modo geral, as personagens sempre estão centralizadas no retrato. A iluminação natural, fazia com que as sombras fossem raras, apesar de os registros serem todos efetuados na parte externa das residências.

Nos figurinos das personagens, percebemos um cuidado interessante. Apesar de a grande maioria dos retratados serem agricultores e os relatos sobre as precárias condições em que viviam no início do século XX, isto não transparece nas fotografias de Heinrich. Seu neto Milton, nos dá uma pista sobre este aspecto. Em tom jocoso, o mesmo afirma que as pessoas poderiam até ser feias, mas que nas fotografias do seu avô sempre saíam bonitas. Isto ocorria pois Heinrich fazia certas imposições para produzir os registros fotográficos.

A senhora Vilma Feddern, lembra que Heinrich se recusava a fotografar mulheres cujo cabelo não estivesse perfeitamente penteado, preso por meio de um coque perfeitamente alinhado, assim como as roupas, que deveriam ser as melhores que a família possuísse. O uso de calçados era obrigatório.

Os acessórios utilizados estes também eram sugeridos, tais como a presença de algum objeto de decoração, algum animal, brinquedo ou ferramenta de trabalho. Vasos com flores e cortinas ou toalhas de mesa fazendo o papel de fundo eram os objetos mais frequentes.

As poses, nas quais os retratados eram perpetuadas eram escolhidas e orientadas pelo fotógrafo. Geralmente eram poses sóbrias, que beiravam à artificialidade. Sorrisos eram evitados.

Percebemos desta forma, neste caso, que todo o universo fotográfico era ditado pelo profissional que capturava os registros. Longe de ser um “mero dedo que aperta o botão do aparelho que faz o resto do trabalho, sem interferência humana” percebemos claramente a influência que Heinrich exercia sobre seus fotografados e a pouca “liberdade” que os retratados possuíam na construção do registro.

Sua influência ocorria em diversos momentos. Seja pelo respeito que detinha na comunidade, como sendo uma pessoa esclarecida, com formação na área em que atuava, que detinha meios privilegiados de sobrevivência, ou seja, não era agricultor, logo suas palavras e recomendações soavam como uma espécie de lei. Ou ainda através da influência que seus próprios retratos irão exercer sobre o grupo, que uma vez tornados públicos, tanto em molduras penduradas nas paredes das salas de estar, ou sobre mesas e aparadores, e ainda dentro de álbuns, artefatos estes que eram considerados sinais de distinção social.

Podemos destacar ainda que o fato de Heinrich ser um estrangeiro, o que fazia com que a aceitação da sugestão de padrões de representação com os quais o mesmo procurava retratar os grupos fossem aceitos instantaneamente, pois vigorava no período a crença de que

tudo que fosse “do estrangeiro” era melhor, sinônimo de algo civilizado, mais sofisticado, elegante e requintado.

Interessante observarmos estes aspectos. Enxergamos nesta característica de Heinrich, a afirmação efetuada por Soares (2009, p. 120) quando esta coloca que o fotógrafo dotado de sensibilidade, tinha como objetivo perceber os elementos mais importantes “e propor este ou aquele tipo de composição, estimulando o modelo a encontrar a forma mais natural de sua própria representação” mesmo que fossem necessários alguns ajustes para a cena.

Muitas vezes, percebemos que a rigidez intrínseca aos registros fotográficos deste período, produzidos na região estudada, tiveram acentuados os ares de artificialidade em função tanto dos trajes utilizados pelas personagens, como pelas suas poses que como foi possível averiguar, eram sugeridas pelo fotógrafo, o que tornava as cenas incongruentes com a realidade vivida por estes colonos em seu dia a dia.

Desta forma, concordamos com Soares (2009, p.120) que afirma que o modelo, que se dispunha a posar para o fotógrafo, pode ser identificado como o protagonista, e o retratista “trabalha como diretor, selecionando partículas de realidade, se portando como observador do outro lado da câmera” pois o mesmo contribuiria “com seu próprio ponto de vista” para que, fazendo uso do seu “domínio sobre a máquina e a luz” fosse possível a “criação da composição do registro e do próprio ato fotográfico em si”.

Neste sentido, Possamai (2005, p. 108) afirma que “a fotografia tem em sua produção a marca indelével de seu autor”. Conforme a autora, é o fotógrafo que “controla os atributos técnicos e estéticos da imagem a ser composta” mesmo que o fotografado externe as suas vontades, de como gostaria de ser representado, será o fotógrafo quem irá determinar através de orientações pontuais, como o mesmo deverá se posicionar, e qual o comportamento a ser adotado.

Podemos perceber a genialidade de Heinrich analisando a qualidade técnica dos seus registros produzidos há cerca de meio século e que permanecem até os dias atuais decorando salas de estar, da mesma forma como se tivessem sido produzidos há menos de uma semana.

Além da qualidade técnica, conforme já foi destacado, as fotografias produzidas por Heinrich se destacam pela sua qualidade artística. Apesar de o referido profissional não contar com um estúdio próprio, nem se fazer valer por artefatos cênicos próprios, o mesmo fazia uso de objetos e móveis que estivessem à disposição no momento da captura da fotografia.

Neste sentido, podemos citar a inserção de vasos com flores, bibelôs, cadeiras, entre outros, de forma a criar um ambiente mais harmônico e agradável, em meio ao qual os retratados posariam.

Chama a atenção, que Heinrich produzir poucos registros fotográficos que privilegiassem um único personagem (fotos de rosto ou busto). A quase totalidade dos registros de sua autoria analisados, são fotografias de grupos familiares.

Apesar de Heinrich ser considerado um fotógrafo itinerante, sua itinerância ocorreu apenas em uma determinada região. Enquanto outros fotógrafos identificados com tal alcunha, mudavam constantemente de cidade, estados, ou até mesmo de país, levando consigo a produção de fotografias, Heinrich permaneceu na condição de fotógrafo itinerante apenas na região da Serra dos Tapes. Apesar de Heinrich ter tido passagens por outras cidades, a sua fixação ocorreu em São Lourenço do Sul, onde adquiriu uma propriedade e passou a residir com a família.

Ainda sobre a atuação de Heinrich, temos vários relatos que nos dão pistas de como esta ocorria. A senhora Nair Hübner, lembra que existia uma espécie de “corrente”, na qual era noticiada a vinda, a passagem do fotógrafo por determinada localidade. Ou seja, circulava entre a comunidade a notícia de que na próxima semana, o fotógrafo estaria percorrendo a comunidade, desta forma, quem tivesse interesse em se retratar já ficava de prontidão. Geralmente as roupas eram escolhidas e reservadas, banhos eram tomados, com o intuito de ter a sua melhor imagem gravada no registro que seria exposto na sala da casa e distribuído entre os parentes e amigos mais próximos.

Além deste recorrido por toda a região, Heinrich atendia aos pedidos que lhe eram feitos, para que registrasse festas de casamento, confirmações, bailes. Ele também passava pelas escolas, onde registrava os grupos escolares diante do edifício, geralmente em frente ao grupo era colocado um quadro negro, no qual Heinrich escrevia o nome da escola, o nome do professor e a data do registro. Esta prática também era adotada quando eram registrados os corais e as sociedades de canto.

A escolha de uma profissão que lhe exigia permanecer bastante tempo viajando, longe de sua família, permitiu com que o mesmo possibilitasse à família um bem estar econômico, que, conforme veremos na sequência, foi inclusive motivo de desconfiança por parte das autoridades brasileiras de que o mesmo recebesse algum tipo de subvenção por parte do Estado alemão, para propagação de ideais nazistas em São Lourenço.

Em relação à identificação dos seus registros, percebemos que Heinrich possuía um carimbo, que em baixo relevo “deixava” no canto inferior direito a sua assinatura: “Heinrich Feddern Photograph” ou “Henrique Feddern retratista” como passou a se denominar após a década de 1940.

Em relação ao equipamento utilizado pelo profissional, temos, atualmente preservada no Museu Histórico de São Lourenço do Sul, a máquina, que teria sido utilizada pelo mesmo. Esta traz a etiqueta com a seguinte inscrição: “*Glunz & Bülter Fabrik photographischer Apparate Hannover*”.

Buscando informações sobre este fabricante, encontramos referências a esta fábrica basicamente apenas em um catálogo de fabricantes de aparatos fotográficos alemães e alguns sites alemães e outro italiano¹. Todos são taxativos ao informar a escassez de fontes onde são fornecidas informações sobre o histórico de tal empreendimento.

De acordo com Peter Glunz, a fábrica cuja sede teria sido sempre a cidade alemã de Hannover, teve sua fundação no ano de 1889 sob o nome de Glunz & Sohn. Já nos anos seguintes, uma parceria com Bulter Stammer, teria dado origem ao novo nome Glunz & Bülter, que passou a ser adotada em 1893.

Heinrich Feddern, conforme aponta o seu neto Milton, seria dotado de um espírito extremamente benevolente e generoso. Nas suas andanças pela região, ao se hospedar nas residências das pessoas ou mesmo fazer as refeições nestes locais, em troca produzia retratos, com os quais presenteava as pessoas.

Deste forma, temos atualmente um vasto repertório de fotografias de eventos cotidianos, registradas com um olhar etnográfico por parte do fotógrafo. São fotografias de casas comerciais, propriedades rurais, meios de transporte, processos de construção de edifícios entre inúmeros outros exemplos. Além da produção e registros fotográficos, Heinrich confeccionava molduras para estas fotografias.

4. Os problemas com a polícia

A atuação de Heinrich Feddern como fotógrafo terá uma interrupção nos anos de 1943 e 1944. Durante a pesquisa, foi averiguado que o mesmo teria sido preso por uma suposta participação em atividades relacionadas à disseminação do nazismo em São Lourenço. Heinrich Feddern foi preso, conforme Livro de Registro de Prisões e Detenções da Delegacia de Polícia Civil de São Lourenço, no dia 29/05/1943.

Alguns anos antes de sua prisão, tornava-se imprescindível para todos os cidadãos estrangeiros que residiam no Brasil, a posse de um documento denominado Salvo-conduto, conforme o dicionário Michaelis (2013, p.325) este é um

¹São estes os seguintes sites consultados: <http://www.glunz.dk/>, <http://collectiblend.com/>, <http://www.storiadellafotografia.it/>, todos foram acessados em 17/12/2014.

instrumento com a individualização completa do portador, e que lhe é fornecido por autoridade policial, durante um estado de emergência ou de guerra, para que possa ter livre trânsito de um lugar para outro, sem risco de prisão ou detenção. É uma autorização por escrito, que um chefe militar, em tempo de guerra, concede a determinadas pessoas, para transitarem sem constrangimento ou obstáculo.

A localização do livro com os registros de todos os salvo-condutos solicitados em São Lourenço, permitiu-nos obter informações bastante importantes sobre vários personagens, informações tais como data de chegada em território brasileiro, nome de familiares, entre outras.

O primeiro salvo-conduto expedido pela Delegacia de Polícia de São Lourenço ocorreu em agosto de 1938 para um cidadão uruguaio. Porém, a partir de 25/04/1939 começam a ser expedidos tais documentos em uma quantidade bastante grande e a quase totalidade dos documentos são destinados à pessoas de origem alemã.

Final da década de 1930 início da década de 1940. O clima era de muitas incertezas. Em 01/09/1939 foi dado início à Segunda Guerra Mundial, um conflito que traria consequências bastantes graves ao Brasil nos anos subsequentes.

Um dos primeiros reflexos em território nacional, foi justamente a confecção dos salvo-condutos, sem os quais, era limitada e restrita a circulação de estrangeiros oriundos principalmente da Alemanha, Itália ou Japão. Neste período, são inúmeros os decretos, circulares e leis expedidos, com o objetivo de tentar controlar e evitar a propagação de ideais de apoio ao Eixo, nome pelo qual passaram a ser conhecidos, os países envolvidos no conflito, do lado alemão.

Observando as correspondências recebidas pela delegacia, percebemos que em curtos espaços de tempo, as orientações para lidar com suspeitos de apoio ao nazismo, mudavam radicalmente. Num primeiro momento as autoridades são orientadas a efetuarem simples acompanhamentos, em seguida são orientados a efetuarem apreensões, revistas até prisões dos suspeitos e o seu envio para a Colônia Penal localizada na região metropolitana de Porto Alegre.

Em fevereiro de 1942, com torpedeamento de navios mercantes brasileiros no Oceano Atlântico, cujo ataque foi atribuído submarinos alemães, ocorreu uma pressão popular, e o Brasil rompe relações diplomáticas com a Alemanha e declara, oficialmente guerra ao Eixo.

A partir desta data, o cerco aos estrangeiros que residiam no Brasil começa a ficar maior e passam a ter início as perseguições sistemáticas.

Em São Lourenço, a primeira prisão ocorreu em 19/03/1942. O alemão Paul Kaltbach é recolhido à prisão municipal para averiguações. A partir de agosto do mesmo ano, cresce consideravelmente o número de detenções, a ponto de somente no dia 26/08/1942 serem efetuadas 11 prisões de indivíduos de nacionalidade alemã, todos encarcerados para “averiguações”.

Se observarmos o contexto geral da situação no momento, vamos entender um pouco melhor a situação. São Lourenço, nas primeiras décadas do século XX passava por um momento de um vertiginoso crescimento econômico.

Na época, a população do município era composta basicamente por elementos de origem germânica. A grande maioria chegou através das empresas migratórias no final do século XIX, porém, na década de 1920 temos um número grande de imigrantes de origem germânica que vem a São Lourenço de forma espontânea. São profissionais tais como professores, pastores, padres, médicos, farmacêuticos, fotógrafo, entre outros.

A especialização destes profissionais e o seu deslocamento ao interior de São Lourenço, suas condições financeiras, suas viagens ao território alemão, são alguns dos aspectos que levantaram suspeitas frente a sua conduta. Estes imigrantes passaram então a ser observados pelas autoridades policiais locais.

Esta observação, conforme pode ser verificação consistia num levantamento dos dados pessoais de cada indivíduo, e de seus familiares, seu endereço, o tempo em que residia no Brasil e os bens que possuía em seu nome.

Foi encontrada entre os documentos preservados na delegacia de São Lourenço do Sul, uma listagem com 63 nomes de imigrantes residentes no município, que segundo investigações, teriam um elo com a Alemanha Nazista.

Além disso, alguns outros aspectos tornavam esta desconfiança das autoridades um pouco mais forte. Por exemplo as profissões de muitos destes indivíduos requeriam que estes procedessem deslocamentos pela colônia, e tivessem contato com um grande número de pessoas. Tais como um pastor ou padre, um professor e no nosso caso, um fotógrafo itinerante.

No caso específico de Heinrich Feddern, podemos entender que outro agravante para as desconfianças de suas práticas, eram os seus conhecimentos relacionadas com mecânica, que permitiram que o mesmo, conforme depoimento de seu neto Milton Feddern, tivesse construído, na década de 1930, 6 cata-ventos que geravam energia elétrica para toda a propriedade num período em que a energia elétrica ainda era totalmente desconhecida na

região (vale destacar que energia elétrica na região de Picada Moinhos só foi instalada pela Companhia Estadual de Energia Elétrica na década de 1970).

Além da energia elétrica, Heinrich teria um rádio pelo qual escutava notícias do mundo inteiro, teria acesso a jornais e fazia viagens frequentes a Porto Alegre e Rio Grande, com o objetivo de adquirir materiais para o seu campo de atuação profissional.

Vale destacar ainda, que no final da década de 1920, Heinrich juntamente com toda a sua família, empreende uma viagem de volta para a Alemanha, onde permanecem por alguns meses e depois retornam. Tudo isso, era observado pelas autoridades locais com olhar de desconfiança.

Em maio de 1943, após uma delação de Frederico Quielfeldt que foi preso em 26/08/1942, Heinrich Feddern teve a sua casa revistada, materiais confiscados (entre eles o rádio transmissor) e sua prisão decretada.

A prisão, conforme ofício remetido ao Departamento de Ordem e Política Social – DOPS - em 03/06/1943 pela Delegacia de Polícia de São Lourenço, seria

em virtude de julgar tratar-se de um elemento da máquina de propaganda ‘nazista’ e que percorre a zona colonial desta comuna e da de Cangussú, com o pretexto de trabalhar na sua profissão, está infringindo as Leis em vigor, fazendo propaganda em favor da Alemanha, no seio dos nossos colonos descendentes de Alemão, o que vem prejudicando a boa marcha dos serviços policiais e da nacionalização, assim como traindo a nossa Pátria.

O depoimento prestado por Frederico Quielfeldt em 04/05/1943 aposta que Heinrich Feddern em maio de 1940 teria feito uma visita a um navio mercante alemão atracado no porto da cidade do Rio Grande, com o objetivo de entregar uma carta ao comandante, o Capitão Heine, para que este a enviasse ao Chefe Supremo da Marinha de Guerra Alemã, Almirante Raddern.

Além disso, Frederico delatou que em fevereiro de 1943, por questões profissionais, teria ele se encontrado com Heinrich. Ambos teriam escutado transmissões da Europa pelo rádio e curioso para saber algo a respeito, indagou-lhe então pela carta, obtendo em resposta o seguinte: “Naquela carta eu apresentei um plano de intervenção ao Almirante Raddern, para facilitar o torpedeamento de navios bélicos mediante torpedo ou mina adesiva, colocado pelo próprio submarino na casa externa do navio bélico”.

Diante da gravidade da denúncia, foi decretada a prisão do acusado, a apreensão do rádio comunicador, que estaria escondido no sótão de uma habitação na propriedade de Feddern.

Uma vez preso na Delegacia de São Lourenço, Heinrich foi interrogado em duas oportunidades. No primeiro interrogatório, levado a cabo em 31/05/1943, Heinrich diz que não sabia quais seriam as motivações que o levaram a ser preso, assim como das buscas que foram feitas na sua residência.

Questionado se o mesmo teria ido a Rio Grande em maio de 1940, respondeu afirmativamente. Ainda conforme o seu depoimento, ele teria visitado o navio mercante alemão de nome “Rio Grande” e teria “palestrado com alguns membros da tripulação, pois a sua visita aquela cidade foi com o único fito de visitar aquele vapor” uma vez que o seu cunhado Willy Franz teria lhe comunicado da presença do mesmo naquele porto.

Questionado sobre a entrega de uma possível carta dirigida ao Almirante Radner, comandante em Chefe da Marinha de Guerra Alemã com a descrição de “um ‘invento’ para a construção de uma ‘mina’ ou ‘torpedo’, para melhor facilitar o torpedeamento dos navios aliados?” Heinrich teria respondido negativamente e ainda teria dito que o navio teria retornado à Alemanha e quando questionado através de que maneira teria ficado sabendo desta chegada do navio em território alemão, o depoente teria dito que “era voz geral na zona onde reside, a chegada desse vapor no seu destino”.

O mesmo ainda foi questionado sobre a sua profissão e a sua itinerância, bem como das relações que possuía com o senhor Frederico Quielfeldt.

Já a tomada do segundo depoimento ocorreu em 07/06/1943. Neste momento Heinrich foi questionado mais uma vez sobre a escrita de uma carta endereçada ao Almirante Raeder, chefe supremo da Marinha de Guerra Alemã. Porém, desta vez, o acusado assume a culpa e confirma que realmente teria escrito a carta na

qual demonstrava uma maneira prática e com mais segurança, trabalhando com minas em combinação com submergíveis, ficando dessa maneira mais fácil para o ataque a marinha mercante ou marinha de Guerra Aliada. (...) Teve tal ideia e procurou logo transmiti-la para sua pátria (Alemanha), unicamente para auxiliar as forças armadas de seu Paiz de origem.

Perguntado por qual motivo que o depoente teria negado em seu primeiro depoimento a dizer verdade, Heinrich afirmou que fora por receio de receber alguma punição. Foi questionado ainda se o mesmo chegou a conversar com membros da tripulação, se ele fez a entrega da carta diretamente ao Capitão, para o qual respondeu que não fora possível, uma vez que o capitão estaria recolhido no momento de sua visita.

Heinrich foi perguntando ainda se sabia que o seu cunhado Willy Franz foi preso no ano passado em Canguçu e remetido para Porto Alegre, por ser nazista? Para tal questionamento a resposta teria sido afirmativa.

Pelo espaço temporal entre os fatos ocorridos e a realização deste estudo, não permanecem vivos indivíduos que nos possam esclarecer algumas dúvidas que subsistem, tais como, em que circunstâncias eram realizados estes depoimentos? Existia algum tipo de tortura física ou psicológica afim de obter respostas desejáveis? O que teria realmente levado Heinrich a mudar o seu depoimento e assumir que teria escrito a carta? Teria Heinrich realmente escrito a carta com um plano de torpedear navios aliados?

Respostas para estas perguntas provavelmente nunca teremos. Na condição de historiadores, podemos ir atrás de outras fontes e com mais evidências, podemos elucidar o maior número de questões que ainda restam sem respostas.

A recomendação conforme ofício de 07/06/1943 era de que Heinrich fosse

recolhido por alguns meses a Colônia Penal e Agrícola ou processado como incurso na Lei de Segurança Nacional, pois pelo que se vê, trata-se de um elemento extremamente “nazista” e que em virtude da sua profissão de fotógrafo ambulante, muito fácil torna-se para ele fazer a sua nefasta propaganda, em benefício da Alemanha, no meio dos colonos de descendência germânica.

No dia 11/06/1943 através de um ofício é solicitada o destacamento de um praça “afim de seguir amanhã [12/06/1943] para a capital do Estado, custodiando o alemão Henrique Feddern, o qual será apresentado a D.O.P.S.”

Os registros de prisões da Colônia Penal, não foram localizados. A próxima notícia acerca de Heinrich ocorrerá somente em dezembro de 1943.

Associamos a sua data de soltura ao dia 18/12/1943, data em que foi expedido um salvo-conduto em Porto Alegre, no nome de Heinrich Feddern que o autorizava a viajar da capital do Estado até a cidade de São Lourenço.

Já no Livro de ocorrências da Delegacia de Polícia de São Lourenço, do ano de 1944, temos o seguinte registro:

“Aos (31) de janeiro do ano (1944), na Delegacia de Polícia do município de São Lourenço, Estado do R. G. do Sul, perante o respectivo Delegado Acílio do Nascimento, comigo Solon Soares Peres escrivão, em cargo, ai compareceu o alemão Henrique Feddern residente na Picada Moinho, 1ª zona, deste município de profissão fotógrafo, e declarou que em virtude de fazer poucos dias que regressou da Colônia Penal onde esteve preso por motivo político, é que não veio antes a esta D.P. para apresentar as lentes de

máquina fotográficas e material que possuía em seu poder. As lentes são as seguintes:

- uma lente, nº 13307 fabricante Hugo Meyer
- ? Guerlits nº 7=360m D.R.P 125560
- uma lente do(?) pu pel (?) duas Tigenot EIKOnar 1:5,4F
- 24 cm nº304937 + G. Rolinstock München

Que a relação do material fotográfico (?) dias fora entregue a esta

D.P.

[Assinatura] Henrique Feddern”

Este registro é particularmente interessante pois nos oferece algumas informações que até então não tínhamos. Apesar de o mesmo possuir algumas lacunas geradas pelo fato de o documento ser manuscrito, impossibilitando a compreensão, percebemos uma descrição das lentes que eram usadas pelo fotógrafo.

Além disso é interessante observar que o documento, traz uma informação sobre a sua prisão nos indica que o mesmo esteve preso na Colônia Penal e que permaneceu preso por um período razoável de tempo. Sua prisão ocorreu, conforme visto anteriormente, em 27/05/1943 e a documentação é entregue apenas em 31/01/1944, onde percebemos que a justificativa pelo atraso seria “a prisão na Colônia Penal”. Através do salvo conduto apresentado anteriormente, que o autorizava a efetuar a viagem de Porto Alegre para São Lourenço, datado de 18/12/1943, percebemos desta forma, que Heinrich esteve preso por exatos 205 dias, pouco mais de 6 meses.

Após o episódio narrado acima, Heinrich Feddern, com o objetivo de evitar novas perseguições ou até mesmo uma nova prisão, opta por mudar a sua identificação. Heinrich Feddern Photograph, a partir de 1943 passa a ser conhecido como Henrique Feddern Fotógrafo, texto que passa a fazer parte do seu novo carimbo de identificação e que passa a identificar os registros produzidos a partir desta data.

Em 26/05/1944 Heinrich Feddern faz uma solicitação de uma autorização e a emissão de um salvo-conduto, pois o mesmo desejava deslocar-se a Porto Alegre para fins de “negócios e apresentar um filho seu ao serviço militar”.

Ele teve o seu pedido deferido. Na mesma data, Heinrich solicitou a renovação dos documentos de sua esposa, a senhora Frieda, e de sua filha Tessma, que contava na data com 22 anos, uma vez que os documentos haviam sido expedidos pela Delegacia de Polícia de São Lourenço em 12/02/1942, conforme Livro de Requerimentos desta data. Ambos os pedidos de revalidação foram aprovados. Assim como a renovação do salvo-conduto do próprio Heinrich, que foi renovado por mais um ano.

No Processo Judicial de Arrolamento preservado no Arquivo Público do Rio Grande do Sul² a inventariante Frieda Franz Feddern faz o inventário do seu marido Ernesto Henrique Julio Feddern no dia 20/02/1952, falecido em 18/01 do mesmo ano.

Em sua declaração, Frieda afirma que foi casada em comunhão de bens e teria vivido desde então com o marido, tido quatro filhos e o mesmo não teria deixado testamento, e que em comum acordo com todos os herdeiros, foi dado início ao processo de arrolamento dos bens do finado Heinrich Feddern. No depoimento de Frieda há uma referência de que a estimativa do espólio deixado giraria em torno de CR\$36.000,00.

No atestado de óbito de Heinrich Feddern, seu nome aparece totalmente abrigado. Sua morte, teria ocorrido às 23hs do dia 18/01/1952 na sua residência, sendo ocasionada por um colapso cardíaco, conforme constatado pelo médico Armando Scherer.

Vale destacar que no seu atestado de óbito, consta que sua profissão seria agricultor. Porém, na documentação que se encontra anexada ao processo de arrolamento, temos a relação de todos os bens que passariam a ser divididos entre os herdeiros, dentre os quais estão seus aparatos fotográficos.

De acordo com a relação de bens deixados por Heinrich, temos os seguintes itens:

*1 câmera escura com os pertences para fotografia, avaliados em CR\$4.500,00;

*Matéria prima para chapas de esmalte no valor de CR\$1.000,00;

*1 carroça colonial e dois cavalos avaliados em CR\$4.500,00;

*móvel que guarnece a casa de residência, avaliada em CR\$3.000,00;

*1 casa de moradia, em mau estado, com três aberturas de frente, avaliada por CR\$10.000,00, situada numa fração de terras de campo sito na Picada Moinhos, n/ município, com 13 hectares de superfície, dividindo-se pelo sul por três linhas, uma demarcada na frente ao Travessão Moinhos, com 48,90m, seguido por uma linha de bambus, até outra linha demarcada e aramada com 45,80m, pelo Norte com o Arroio São Lourenço, pelo Oeste com Jorge Klum e pelo Leste por uma linha demarcada com Gustavo Janke. Transferência de Carlos Zundler ao Inventariado. Este terreno é avaliado por CR\$13.000,00.

Para este processo, a família Feddern teve como seu procurador o senhor Francisco de Bestiani, que os representou em todas as audiências e que assinou os documentos.

² Arquivo Público do Rio Grande do Sul APERGS - Nº do processo: 387 M 9 -1952 Comarca de São Lourenço do Sul.

No dia 15/03/1952 foi efetuado um esboço da partilha dos bens. De um total de CR\$36.000,00, CR\$18.000,00 ficam destinados à viúva e a cada um dos quatro filhos, seria destinado CR\$4.500,00.

Para o pagamento de Frieda, foi destinada uma fração de terras de campo, sita na Picada Moinhos, com um total de 4 hectares, avaliada em CR\$4.000,00; a casa avaliada em CR\$10.000,00; toda a mobília avaliada em CR\$3.000,00; e matéria prima para chapas de esmalte avaliadas em CR\$1.000,00, num total de CR\$18.000,00.

Julio e Edgar Feddern receberam cada um uma porção de terras com 4,5 hectares cada avaliadas em CR\$4.500,00.

Tessma Feddern Brahm ganhou uma carroça colonial e dois cavalos. E Elfrida Feddern Kaul recebeu uma câmera escura, com os pertences para fotografia avaliados em CR\$4.500,00.

No dia 04/03/1954 é relatada pela senhora Frieda Feddern a existência de uma quantia de CR\$3.000,00 depositada no Banco Comercial e Industrial do Sul S/A de São Lourenço do Sul, que teria sido devolvida ao Banco por uma empresa de São Paulo em vista do fornecimento de mercadorias encomendadas que teriam sido pagas adiantadamente mas que não teriam sido remetidas.

A senhora Frieda faz um pedido, solicitando a liberação da verba para que a mesma possa ser dividida entre os herdeiros. Após o deferimento do pedido, Frieda tem direito a ficar com CR\$1.500,00 e cada um dos quatro filhos tem direito a CR\$375,00. O processo de partilha de bens foi encerrado em 08/06/1954.

Não foi possível descobrir qual teria sido a empresa que teria repassado o dinheiro para Banco Comercial e Industrial, nem os materiais que teriam sido encomendados.

É interessante observar o alto valor de mercado que possuía o aparato fotográfico utilizado por Heinrich. A máquina fotográfica tinha o mesmo valor monetário que 4,5 hectares de terras.

Encerramos este breve estudo biográfico de Heinrich Feddern com uma citação do seu neto Milton Feddern, que descreve a forma com Heinrich teria falecido e que acreditamos que defina a atuação deste importante fotógrafo em São Lourenço.

Eu sei dizer que ele morreu na peça dele. Deve ter morrido feliz o ‘velho’: morreu fazendo fotografia. Numa peça escura, pois ele sempre fechava o quarto, porque não podia entrar luz, qualquer facho de luz estragava tudo. Quando a minha avó ouviu um barulho, foi ver o que era, o velho estava mortinho lá, bateu a cabeça na quina da mesa o coitado. **Mas se ele morreu fazendo fotografia morreu fazendo o que gostava** [grifo nosso].

5. Algumas considerações

Através da análise deste variado referencial teórico, apoiado no exame de uma vasta gama de fontes, de distintos suportes, foi possível elucidar a trajetória pessoal e profissional de Heinrich Feddern, além de coligir o contexto histórico-sócio-econômico-cultural da região no período no qual o estudo está circunscrito.

A não existência de estúdios próprios, fez com que o fotógrafo analisado optasse pela itinerância na profissão. Esta itinerância era ao mesmo tempo uma forma mais fácil de atingir o seu público alvo, uma vez que se ia até os interessados, era também uma prática que gerava custos mais elevados para a produção dos registros, pois no valor das fotografias estavam embutidos também os gastos referentes ao deslocamento.

Introduzida na família por Heinrich Feddern, a prática da fotografia garantiu o sustento e o desenvolvimento de toda uma linhagem, pois após o patriarca, mais duas gerações da família se dedicaram à tal *métier*.

Heinrich Feddern, fotógrafo do qual estamos trilhando a trajetória pessoal e profissional, pode, sem sombra de dúvida, ser considerado um dos mais atuantes e importantes fotógrafos do sul do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. O mesmo inscreveu seu nome na memória histórica de toda uma região e teve a sua trajetória profissional violentamente interrompida.

O fato de ser um profissional itinerante, que percorria toda a região colonial da Serra dos Tapes, levantou suspeitas de uma possível colaboração com o regime totalitário alemão encabeçado por Adolf Hitler. Conforme denúncias efetuadas contra o mesmo, este valer-se-ia da sua profissão para, supostamente, difundir ideais nazistas na região.

Além disso, pesavam sobre ele o fato de ser um homem esclarecido, com consideráveis posses, que frequentemente efetuava viagens, tendo inclusive, retornado para sua terra natal. Pesava ainda o fato de que o mesmo fazia a assinatura de jornais e possuía em sua residência energia elétrica, já na década de 1930, em virtude da construção de torres eólicas, o que lhe possibilitou a aquisição de um rádio transmissor, através do qual eram ouvidos programas alemães e com o qual o mesmo se comunicaria com pessoas que residiam em solo alemão.

Após delação por parte de um de seus vizinhos, o rádio transmissor, documentos e fotografias foram confiscados e a sua prisão preventiva decretada. Uma vez preso, o mesmo passou por dois interrogatórios: no primeiro, negou todas as acusações; no segundo, confessou que teria desenvolvido o protótipo de uma bomba a ser instalada em navios inimigos (leia-se, contrários à Alemanha) por meio do auxílio de submersíveis. Após a

confissão, o mesmo foi encaminhado para a Colônia Penal e Agrícola Daltro Filho, local onde permaneceu confinado por um período superior a seis meses.

Foi constatado que após seu encarceramento, além de mudança empreendida na sua nomenclatura, uma vez que o profissional passará a ser reconhecido pelo nome “aportuguesado” de Henrique Feddern, abandonando a utilização de demais prenomes, o mesmo fará a destruição de grande parte de seu acervo de fotografias, livros e documentos, por medo de novas prisões ou represálias. Além disso, analisando os registros fotográficos de sua autoria, foi possível precisar que ocorreu uma considerável redução na quantidade de fotografias produzidas. Poucos anos após o supracitado episódio, Heinrich Feddern acabou falecendo

Esta pesquisa se mostrou importante e inovadora, uma vez que evidenciou a trajetória de um profissional que teve um papel de destaque na região, sem contudo terem sido, até o presente momento, efetuados estudos mais profundos sobre a sua atuação na Serra dos Tapes.

A ascendência germânica e a sua qualificação profissional fizeram com que o mesmo fosse muito bem aceito na região, que era majoritariamente composta por teuto-brasileiros. Contudo, o sucesso profissional, além de garantir confortável situação financeira para Heinrich e sua família, levantou suspeitas de uma possível colaboração na divulgação de ideais nazistas na região, o que acarretou sua prisão.

As marcas da repressão deixadas por este estágio sombrio da história recente do Brasil ainda são muito vivas e o assunto ainda é cercado de tabus. As referências ao tema nos depoimentos são constantes, sendo este um período de cujas memórias todo o grupo comunga; contudo, as lembranças são externadas de forma tímida e, de modo geral, os depoimentos são cheios de lacunas e sempre permeados de muita emoção e desconfiança ao mesmo tempo. O medo de novas perseguições, hostilizações, fizeram com que a população local, de certa forma, se “fechasse” sobre ela mesma, evitando tocar num assunto que lhes causou tanto sofrimento.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Parlenda, 1994.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MAUAD, Ana Maria. A fotografia e a família no Brasil oitocentista. IN: ANDRÉ, Richard Gonçalves. Álbuns de família: a história e a memória entre os fios luminosos da fotografia. Londrina: Ed. UEL, 2014 (p.09-49).

MEIHY, José Sebe Carlos. Guia Prático de história oral. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na História Oral. IN: PERELMITEL, Daisy. Ética e História Oral. Projeto História. PUC-SP: São Paulo, 1997 (p.13-49).